

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 3



# REVISTA

DA SOCIEDADE

# PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

---

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,  
Licinio Cardoso e Pedro Ivo

MARÇO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTÍSTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

# REVISTA

DA SOCIEDADE

## PHENIX LITTERARIA



**SUMMARIO.** — Destino do realismo. — Revoluções do theatro no presente século. — A poesia do seculo XIX. — Poesias: *Sua alcova, A Franga, A ternura fital*. — Chronica.

### **Destino do realismo**

A presença da escola realista, cada vez manifestando cõres mais accentuadas, em todos os generos de composições artisticas, é, a nosso ver, inevitável. Sua influencia directa, real e sobretudo de acordo com o grao de aperfeiçoamento moral e intellectual da sociedade, caracterizará, a nosso pezar ou não, uma phase distinta do desenvolvimento estheticó.

Não se julgue que nos apresentamos convidando ao campo da liga aquelles que, levados pelas phantasias d'uma imaginação ardente, e inspirados nas supremas harmonias do bello, tendo o coração repleto de ternuras e a alma a expandir-se em perfumes voluptuosos, vêm no realismo a completa profanacão de que a arte tem de mais puro e imaculado — o ideal. Conhecemos a nossa incompetencia: queremos apenas lavrar um protesto contra a missão ridicula que attribuem a esta escola, contra a suposicão de que é ella incapaz de subsistir por si mesma, e está destinada a poluir-se ao contacto impuro do materialismo.

Entre o sentimento do bello, todo synthetico, e o sentimento philosophico, essencialmente analytico, ha uma immensa lacuna: nunca elles se confundiram, nunca suas espheras de accão se penetraram; mas assim como ha a lei physica, e o crepusculo é o presagio do dia e o prenuncio da noite, ha a lei moral, e a arte, que representa as formas infinitas da imaginacão, tem reflectido, — pouco intensamente, verdade, em virtude de sua natureza dia-phana, pois que é a concretisacão de tudo quanto o espirito tem de mais puro e crystalino — as evoluções sociaes tão bem analysadas e determinadas pelo immortal Augusto Comte em sua *Philosophia Positiva*.

Aqui temos um reparo a fazer; ha uma injustiça que não podemos calar: Augusto Comte, esse espirito soberano, que pesquisa os mais sombrios arcanos da sciencia com a mesma magia, facilidade e claresa com que entra no sacerdócio augusto da poesia; que é, a um tempo, a luz scintilante do genio, nascendo, fulgurando onde era treva, e a synthese de todos os conhecimentos humanos; vagueando na immensidate, coordena todas sciencias, establece suas relações, suas approximacões, seus afastamentos; analysa a humanidade com o profundo criterio que lhe é inherent, e em seu colloquio com o bello proclama-o absolutamente livre, impalpavel e nunca susceptivel de submetter-se a uma modalidade qualquer. Elle nunca quiz obrigar a arte ás deduções e processos mathematicos, nunca quiz inscrever-a em uma forma geometrica.

Para justificar a apparicão natural do realismo nas bellas-arts, necessitamos d'uma ligeira comparação — como o permitem nossos minguados recursos e o limitado espaço de que dispomos — entre as phases do desenvolvimento esthetic e as escolas philosophicas que, segundo a A. Comte, têm caracterisado o estado do espirito humano nos diversos periodos de civilisação.

Estamos sob os auspicios da *philosophia theologica*: a escola da arte que nasce, sob o esplendor grego e romano, é o classicismo.

Durante toda esta phase philosophica o sentimento esthetic tem uma fonte perenne de inspiração: o fetichismo, dando vida a toda a natureza, faz de cada sér uma entidade misteriosa, sobrenatural; a superstição crê os sérés invisiveis, os genios do bem e do mal, e é vasto o campo aos desvarios da imaginacão que, alimentando-se da poesia, é sem duvida,

a unica facultade activa no homem ; o polytheismo tem os seus deuses multiplos, e a arte, esplendida de belleza, reside com elles no Olympo, desce com elles á terra para aformatar-a, leva-as á presença dos mortaes para tornal-as participes nos seus prazeres. Cada deus tem sua historia, narra-a a poesia.

Chegamos á philosophia metaphysica, critica ou revolucionaria; vemo-la em luta com a philosophia theologica; quer derribal-a, substituir os seus principios decrepitos por outros mais consentaneos. As bellas-arts elevam-se; já não trazem os deuses á morada dos mortaes, conduzem o homem á eternidade, morada do Deus unico : o monotheismo annullo o polytheismo. E' preciso dizer-se que Augusto Comte comprehende na epoca theologica, a idade do feudalismo ; mas é innegavel, o que elle reconhece, que o christianismo, essa philosophia eminentemente organica, que elevou a sociedade a um maravilhoso grao de desenvolvimento, trouxe consigo os principaes dogmas da philosophia revolucionaria : considerando todos os homens irmãos pela crença universal e irmãos pela alma, emanacão de uma mesma essencia divina, estabelecer os dogmas da liberdade, igualdade e fraternidade.

A arte, recebendo o impulso do christianismo, atinge ao alto grao de desenvolvimento evidenciado por Chateaubriand em sua judiciosa analyse, quando compara as creacões inspiradas na mythologia com aquellas, cuja fonte de inspiração é a nova religião; chega á idade media, e tem um periodo de intermissione: é emquanto contribue para a formação das preciosidades que nos vêm desse tempo: as linguas hespanhola, francesa, italiana.

A intimidade e correlação que os diversos ramos das bellas-arts têm entre si, são atestadas aqui pela intermitencia tambem da musica, pintura, escultura e architectura, quando só devia manifestar-se na poesia, unica que contribue directamente para a formação das linguas.

Passado esse periodo, as bellas-arts como que renascem; despiram as roupagens antigas, trajam novos enfeites, e a architectura gothica avulta entre elles. E' então que comeca a luta das duas escolas: a classica e a romantica. Aquelle quer seguir os modelos antigos, tem as reminiscencias do Olympo, da antiguidade pagã e republicana; esta quer dar á palavra a expressão immediata do pensamento, precisa elevar o christianismo, commemorar os

tempos cavalleirescos e fazer apologia das crusadas. Aquella quer o modo antigo de amar a mulher; esta, encontrando-a elevada pelo christianismo, a quer amada como esposa e como mãe. Ambas, lutando e progredindo, para o que contribue a fixidez do estado feudal, divulgam e tornam populares as linguas recentemente formadas.

E, depois que o romantismo apresenta-se vitorioso na Inglaterra, quando escudado pelo genio poderoso de Shakespeare; depois que o poeta da natureza, o pintor por excelencia — Chateaubriand — transporta-o definitivamente para a França; depois, quando o mundo acaba de assistir à grande explosão chamada revolução francesa; quando acaba de ver a idade antiga completamente separada da idade moderna, pois medeia entre elles a queda do feudalismo e a proclamação das liberdades e direitos do homem; quando finalmente acaba de presenciar as tentativas do genio do exterminio — Bonaparte — querendo reconduzir a sociedade para o passado, assiste também à luta litteraria das duas escolas. Entre elles está o vulto portentoso de Victor Hugo; tem na fronte as reverberações do genio, com uma das mãos aponta ao classicismo a estatua do silencio, com a outra entrega ao romantismo a arma da victoria — o *Hernani*.

Agora estamos na época estacionaria: a philosophia é a mixta, prende-se á theologica e á revolucionaria; a sociedade fluctua entre elles; identica fluctuação dá-se nas bellas artes. A formula *cultivar a arte para divertir o publico* tem agora applicação.

E' que o sentimento esthetic exige certa estabilidade social para desenvolver-se; exige que o actor e o espectador tenham o mesmo scenario. E' que as bellas artes e a industria marcham de mãos dadas: atacar esta é atacar aquellas. Quem poderá dizer onde uma arte, que se occupa com a forma exterior, deixa de pertencer á esthetic para pertencer á industria? Não ha solução de continuidade. Os governos o tem sentido, e, começando pelo de Luiz XIV, têm estendido sua protecção ás bellas artes. Dizem os historiadores que este rei, acorçoando o genio esthetic, não via ali um sustentáculo á industria, porém á realeza. Seja como for, prestou relevante serviço.

Hoje, que a philosophia positiva entra em luta com as que lhe têm precedido, o realismo apparece exigindo o lugar que lhe cabe na arte.

As probabilidades de seu desenvolvimento é o que analisaremos.

Rio, 1 de Março de 1878.

LICINIO CARDOSO.

(Continua)

(Continua) □ CARDOSO.

## Revoluções do theatro no presente século (1)

(LIDO EM SESSÃO AO DISCUTIR-SE A THESE SUPRA, POR URBANO DUARTE)

Senhores.—O fim do seculo XVIII foi uma hecatombe social e politica; e sendo a grande revolução o desabamento do dique em que durante séculos se agglomerara o ressentimento das classes oprimidas, o brado de reforma radical desceu às entranhas da terra e foi ouvido pelas estrelas do céo. A quelle amalgama monstruoso de toda sorte de paixões nobres e vis, d'onde devia surgir o genesis moderno, cabe bem o epitheto de cahotico.

Como se explica, pois, que n'esse *mare-magnum* onde tudo revolveu-se e transformou-se, onde forão impacientemente sacudidas todas as opressões, como se explica que restasse a litteratura estagnada nos moldes classicos que restasse a litteratura estagnada nos moldes classicos impregnada do espirito philosophico de Voltaire, e apoian-  
do-se exclusivamente nos preceitos dos Aristarchos mo-  
fados do seculo XVII? Como se comprehende que o espirito d'aqueles tempos exaltados não procurasse explorar o terreno da arte, tão fecundo, tão variado, tão pittoresco?

Porque motivo persistiu a arte dramatica entre a aridez de um sistema esgotado, algemada nas tres unidades aristotelicas, inspirando-se em imitações já imitadas, definindo de insipidez e anemia, até por fim irromper, no começo do 2º quartel do nosso seculo, fogosa, delirante, invencivel, sob a magica evocação do velho William?...

Em summa, porque designio, porque razão a revolução litteraria chamada—Romantismo—não coincidio com 93, e

(1) Precedido de um estudo prévio sobre o theatro classico francês no seculo XVII.

não aconteceu durante o regimen imperial ? por duas razões, uma razão de ordem e um grande incidente histórico.

A razão de ordem consiste em que essas revoluções incruentas fazem-se em plena paz, com o pensamento calmo, o coração regular, sem affanosas preocupações de ordem prática e positiva ; o incidente histórico foi o apparecimento do czarismo napoleônico, durante qual ouviu-se tão sómente o atroar incessante do canhão.

A parte composição de gênero especial ou peças de propaganda immediata, com as quaes a poesia dramática pouco tem que ver, a verdade é que durante essas duas valentes epopeias históricas, uma — bachanal de sangue e lagrimas em que a meretriz demagogica dançava ao som dos gemidos de uma civilização decrepita, outra — evohé febricitante ao Alexandre moderno, a verdade é que nos vastos domínios da imaginação e do ideal reinou a mais completa esterilidade. O pendão auri-azul da poesia, faltando-lhe as auras da liberdade, não tremulou, dobrou-se triste sob o crepe da opressão.

Foi exactamente no anno em que inaugurou-se a política liberal do *justo meio*, nesse reinado de paz e prosperidade conhecido sob a denominação de Luiz Felipe, que a imaginação ressuscitou da sua criminosa lethargia e reassumiu todo seu poderio, usurpado ha tanto tempo pela força mais ou menos bruta.

Os primeiros annos do moderno renascimento marcam uma época de gestação litteraria, de lutas, contestações, polemicas, desandadeiras etc. O theatro, que é o pulso de uma litteratura, foi o campo do combate ; e foi à luz da rampa que o classismo de chinó, empoado, presumido, incapaz, sem uma pinga de sangue nas veias, morreu e morreu de uma vez ; suas tragedias soporíferas forçaram a dormir o sonho do esquecimento por entre a traça das bibliothecas e o Drama surgiu esplendoroso e radiante em meio de um *mise-en-scene* rico, luxuoso, opulento.

Querendo-se perceber na historia litteraria o ponto de junção da tragedia com o drama, vê-se que o genio de Casimir Delavigne é o representante mais genuino desse ecletismo dramático em que entrão em correctas e perfeitas proporções todos os elementos de uma peça theatral. Discreto no desenvolvimento das theses, sabedor de todas as belezas do estilo, aliando o pathetico ao pittoresco, isto

é, coadunando o sentimento e a paixão tragica com as exigencias do drama em relação à cõr local e variedade unitaria, tem C. Delavigne a gloria de ser um innovador sem tapage. Tivemos occasião de verificar o que digo em seu admiravel drama *Luis XI* desempenhado de um modo absolutamente magistral por E. Rossi, quando aqui esteve ha annos. A tragedia classica tem querido de quando em vez erguer a cerviz em pleno seculo XIX; mas sempre transitoriamente e isso sómente quando é invocada pelo genio de uma Rachel; da mesma forma que só um Frederico Lemaitre ou um João Caetano pôde dar vida ao romantismo descabellado e sanguinolento, melodrama de capa e espada onde o pathetico transforma-se no ridiculo, e que faz as delicias do gallinheiro do theatro de S. Pedro.

As revoluções do theatro no presente seculo, consideradas pela alta critica sob um ponto de vista genericо contêm-se na *tragedia*, no *drama* e na *comedia*, que correspondem ás tres escolas — classica, romantica e realista; sendo a ultima consequencia e extensão da segunda. E. Littré, espirito eminentemente lucido e synthetizador, deu a diferença entre os dous primeiros do modo mais geral e justo, que temos lido.

Diz elle que na tragedia classica os personagens, a accão, o estylo, todo o mecanismo dramatico emfim, é apenas um pretexto para o desenvolvimento de uma ideia abstracta, uma these geral. Perguntamos nós, qual será o resultado d'esse sistema para aquelles que não se chamão Racine, Corneille? Necessariamente uma cousa pallida, abstracta, incolor, um tratado de moral com pernas de rhetorica, tudo, menos uma verdadeira obra d'arte, que deve ser livre, complexa, variada e pittoresca, sendo ella, como é, interpretacão luminosa d'esse vasto e complicado kaleidoscopio que se chama a Natureza humana.

Refere Baron que o culto das tres unidades de *tempo*, *lugar* e *acção* foi tal durante o reinado do classismo degenerado, que o poeta — Renouard, — na sua tragedia dos — *Templarios* — teve a habilidade de fazer prender, processar e executar seus heróes no espaço de 24 horas e no mesmo lugar, prejudicando assim todas as regras da verosimilhança. E não só a verosimilhança mas tambem a cõr local, esse elemento legitimo e indispensavel, foi completamente desprezado pelos sectarios da tradicão em-

birrante e tropega. Houve, por exemplo, um academico, que depois de ter composto o plano e os versos de uma tragédia cuja accção passava-se na Hespanha da idade media, pôde, sem mais nem menos, sem alteração alguma, transladar a mesma accção para as margens do Euphrates na antiga Assyria. O melhor é que o author d'essa monstruosidade foi applaudido e continuou á fabrica de mesmas jaez.

Ao contrario d'esses absurdos, o *drama romantico*, como observa Littré, é o desenvolvimento de uma situação especial e caracteristica, concomitante a comprovar uma these geral. E' a liberdade na arte, como ha pouco definimos.

Quem quiser conhecer o evangelho, o cathecismo, o *mot d'ordre* d'esse movimento litterario que enfureceu a tragedia em plena academia, que descontou perspectivas immensas ao talento possante da mocidade de 1830, leia o celebre *prefacio* do drama — *Cromwell* — producção do poeta soberano que jamais se canca de pôr cumulos á gloria litteraria da França, e cuja magestática personalidade resta sobranceira aos annos e sofrimentos.

V. Hugo é pois o grande propulsor, o chefe, o patriarca da livre litteratura como hoje a conhecemos, o arauto do grande *segundo*, perante o qual descerrarião-se à imaginação horizontes illimitados.

(Continua.)

## A poesia do século XIX

A *philosophia positiva*, luzeiro grandioso que surgiu com o genio extraordinario de Augusto Comte, limite de todas as evoluções do espirito humano desde a era a mais remota, devia, fatalmente, influir nas artes como em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Sol de um mundo que hude, forçosamente, surgir das ruinas do passado, cujos raios penetraram o mais fundo dos abysmos ella vai marcar a phase para onde caminha o genero humano desde os seus passos ainda vacillantes — a phase da Humanidade. E' por isso que a mocidade amiga do bem e da verdade descontinuando o mundo já pelo prisma da justica e do direito.

espera pelo raiar do novo dia em que deverá ser escripto o primeiro canto de um immenso poema, todo inspirado nas sublimidades de suas doutrinas.

Só com o seu auxilio a arte pôde revestir-se da autho-  
ridade que é compativel com o seu destino.

Debalde o limitado grupo dos adeptos das escolas e principios anachronicos clamam e protestam contra a sua influencia na arte moderna; debalde invocam a memoria dos grandes vultos das escolas classica e romantica, vultos que todos nós admiramos, collocando-os em suas respectivas epochas; debalde procuram substituir pela phrase dôce e amena o que lhes falta de objectivo, de humano e de verdadeiramente bello debaixo de todos os pontos de vista estheticos; debalde tudo lhes foge. As suas proprias phrases repassadas do mais perfumoso lyrismo passam, são leves como o vento, morrem, e dellas nem a mais pallida lembrança fica. Chegam a uma subjectividade excessiva, e não só hallucinam-se, como aconselham a humanidade à hallucinação.

Pois bem, à vós a imaginacão desordenada, improduc-  
tiva, a ficção extravagante, à nós o sentimento e a idealisa-  
ção da realidade. A' vós as ceremonias que restam do  
monotheismo christão, à nós o amor e a abnegação ao tra-  
balho que eleva o homem ao sanctuario da liberdade e do  
progresso.

Deixemos, porem, os sonhadores com a sua desorgani-  
sação mental entoarem hosannas ao cadaver que vai sepul-  
tar-se no grande jasigo em que trabalhou tanto tempo,  
deixemos os prantearem o seu desaparecimento às bordas  
de tão imponente atraide !...

Elles são homens dos seculos que passaram; prendem-se  
ainda por laços bem estreitos aos dogmas que a todo o mo-  
mento perdem a sua força de autoridade porque a ver-  
dade substitue os seus mysterios. Como os velhos alchi-  
mistas, em busca de metais preciosos com que deviam chegar  
às riquezas que idealizavam, em demanda da celebre pedra  
philosophal que lhes devia mostrar os segredos por onde  
conseguiriam uma existencia eterna, elles vivem ainda  
hoje em escavações constantes em busca de um ser sobre-  
natural a quem consagram o seu culto, e de quem os positi-  
vistas não afirmam nem negam a sua existencia. O culto  
dos positivistas é mais universal, abrange a humanidade  
inteira, não é um culto a um ente exclusivo e hypothetico.

O espirito moderno é indiferente ao que vés outros procuraes! Deixaes, portanto, que passe a corrente cujos ełos são intimamente ligados uns aos outros, pelos lidadores que tudo buscam nas sciencias positivas e digamos todos com Poey: « Cantemos o novo homem em presença do novo Deus o homem positivo em presença da humanidade. »

A arte, segundo a diffinem os positivistas (1), é a representação ideal destinada a cultivar o instinto da perfeição humana.

« A imitação, a invenção e a expressão, são os tres attributos esteticos da arte cujo complexo constitue a idealisaçāo. »

A arte é vasta e grandiosa como a sciencia, ella crêa typos moldados no sentimento, que encantam, ao passo que concorre para os fins beneficos da existencia humana. Desses sentimentos e dos effectos que podem ser modificados, entrando para o domínio da realidade, nasce a principal grandeza da arte.

Deixaes à imaginação a subjectividade ilimitada e nada terais produzido de util e agradável. A arte penetra em toda a parte, na harmonia e regularidade plastica das regiões celestes como na multiplicidade dos phenomenos terrestres, sem a pretensão, entretanto, de apoderar-se daquillo que lhe não pertence.

Os positivistas traçando em paginas de luz e de verdade o papel sublime das artes, a sua historia verdadeira, e dotados dos mais puros affectos, só elles poderão sentir os effectos dos seus arrebatadores encantos.

Entremos no ponto objectivo deste artigo.  
Emancipando-se do jugo theocratico primitivo com Homero, o creador do poema epico, a poesia desde então começou a dirigir-se para a perfeição a que tem, em diferentes periodos, attingido; com Eschylo quinhentos annos depois, com o Dante na renascença das bellas-arts, com Molière e mais modernamente com Goethe, Byron e Alfredo de Musset. Ella que em outros tempos não passava de uma mercenaria, de instrumento lucrativo, como com Pindaro, o maior genio da poesia lyrica do seu tempo, que levou a exaltar tyrannos e os athletas que se apresentavam nos circos olympicos; com Horacio, que para tornar-se agra-

(1) Poey, *Esthetica Positiva*.

davel aos olhos de Augusto collocava-o acima dos Deuses do Olympo; ella que por muito tempo viu-se deslocada de sua grandiosa missão, como um dos primeiros elementos de civilização de um povo, hoje assumindo a posição que na hierarchia das artes lhe é conferida, de braços dados com as doutrinas modernas, toma parte na solução de todos os problemas sociaes, e, com os elementos que lhe fornece a sciencia, falla em todo o mundo culto, com a complexidade que a torna a menos technica das artes, das maravilhosas invencões e descobertas que constituem a gloria do seculo XIX.

Dos variadissimos phenomenos que resultam dos innumeros elementos da natureza, da idealisaçao do que é real e humano, o poeta moderno produz tudo o que pode ser util e ao mesmo tempo agradavel.

A poesia assim concebida é a unica possivel perante a grandeza prodigiosa deste seculo.

Convém, entretanto, prevenir o espirito dos anathematisadores desta escola, que jamais nos referimos a um realismo absoluto, que tudo mata, que faz desapparecer a noçao do bello e que enerva e delicia os sentidos, como dizem constantemente. O realismo absoluto na poesia, e na arte em geral, é tão impossivel como é impossivel da prata fazer-se ouro.

Nem se diga tambem que a poesia realista só neste seculo pôde appaecer. Ela vem de muito longe: quem já leu Ovidio hâde conhecer, independentemente da historia, o estado venal e decadente da sociedade romana do seculo de Augusto, e dessa época até nós vão quasi douz mil annos. O Dante abriu largas portas à poesia social.

A *Divina Comedia* ao passo que é um brado terrivel contra o despotismo e contra a injustica, é tambem a voz cheia de força e de vigor que clama pelos direitos do homem. O *Tartufo* e o *Misanthrope* de Molière são a imagem fiel da sociedade francesa no XVII seculo, em que a hypocrisia e o fanatismo levaram de vencida a moralidade e a justica.

Chegamos hoje a um ponto donde é impossivel retrogradar-se; por conseguinte é preciso que a poesia acompanhe a época em todas as suas manifestações; nas sciencias como na industria, na politica como na linguistica; na vida privada como na vida publica. Condenando-se e systematisando-se tudo quanto nos foi legado de

todas as idades, de todos os seitas religiosas, de todas as escolas philosophicas, tudo finalmente quanto ha de aproveitavel na elaboração do magestoso edificio onde a humanidade esparvorida, fatigada, pelo continuo caminhar, sem rumo certo, ha de encontrar o repouso, a paz e a harmonia, em todas as suas relações, eis a obra completa. Acha-se traçada. Traçou-a o fecundo genio de Comte.

Mas é preciso demolir-se inteiramente os palacios encantados em que repousam os esqueletos do genio theocratico e o espetro medonho do espirito methaphisico. E' preciso fazer-se com que a fé vacillante do monotheismo, arvore que tem produzido tantos ramos, cujas sombras tão nocivas têm sido ao genero humano, seja substituida pela fé positiva fundada na observação. E' preciso que a bayoneta seja substituida pelo livro! E' preciso que ao éco horroroso do canhão succeda o canto maravilhoso do amor universal.

E nesse commettimento que tem de ser de todas as intelligencias illuminadas e bem intencionadas, o poeta deve ter uma parte principal, pois que a elle, como aos homens da sciencia, compete uma missão tão difficil, um encargo tão elevado. O poeta moderno não tangendo as cordas de sua lyra senão para cantar aquillo que nos prende á humanidade, baniu a apotheose constante a alma que se desprende da vida terrestre para uma vida futura e eterna, e a poesia assim comprehendida reveste-se da autoridade que por tanto tempo lhe foi usurpada.

E' tão nobre e elevado o fim do poeta que canta a natureza, como o daquelle que canta a vida interna e externa dos corpos sociaes; mas para isso é preciso que um como o outro recebam da sciencia os conhecimentos sem os quaes nada produzirão de grandioso.

Como cantar-se a natureza sem o previo conhecimento dos variadissimos segredos em que se acha ella envolvida? Como estudar-se a sociedade sem ter-se a menor noção da historia da humanidade?

« Não sirva a natureza, a luz das alvoradas  
E as rosas das campinas  
Só para descantar as faces purpurinas  
Das vossas bem amadas. »

G. Junqueiro disse nesta estrophe o que se poderia dizer do primeiro caso.

Condenar o vicio, o crime, sem aconselhar os meios de reprimir os é provocar o seu desenvolvimento ; por isso é necessário que o poeta entre no estudo de semelhantes phenomenos retomporado e convencido da verdade da sciencia. E' assim que comprehendemos o poeta do seculo XIX.

Antes de concluirmos este obscuro artigo não podemos deixar de felicitar a mocidade brasileira por contar como sentinelas avançadas de suas destimidas phalanges, talentos vigorosos e eminentemente cultivados, que lhe ensinam a trilhar na senda luminosa traçada por A. Comte, como os Srs. Drs. Luiz Pereira Barreto e Benjamin Constant Botelho de Magalhães, aquele com o livro, e que na França, onde se lê, já seria conhecido de todo o mundo civilizado, este, pela palavra correta e abundante inspirada nas doutrinas do seu grande mestre, palavra que tem produzido tão bellos resultados onde quer que seja proferida.

Raiando tambem para nós a aurora que por entre a escuridão das noites tempestuosas occultava-se no oriente, contamos que as artes, as lettras e as sciencias regeneradas pela luz purpurina que a acompanha, elevarão nossa sociedade ao nível de uma civilisação purificada, para então, tomarmos o lugar que nos compete no banquete fraternal das nações americanas.

Rio, 10 de Março de 1878.

DANTAS BARRETO.

### Sua alcôva

Elle dort, regardez : quel front noble et candide !  
L'artout, comme un lac pur sur une onde limpide,  
Le ciel sur la beauté repandit la pudeur.

A. de MUSSET.

E um Christo pendurado na parede  
Com os olhos quasi mortos já sem luz,  
Olhava para o anjo que dormia,  
Pois à cima de seu leito estava a cruz.

Quem sabe se não era a virgem mãe,  
Cuja alma lá do céo deixava o trilho,  
E vinha, quando a noite era bem triste,  
Adorar a pia imagem de seu filho?

Pois quem visse, a seu lado, n'uma mésa,  
Uma imagem de alabastro, de Maria,  
Julgava qu'essa estatua tão divina,  
Era o busto da criança que dormia.

O seu sonno innocentio era tão brando,  
Como o casto dormir de uma criança,  
Enlevada nos descuidos da innocentia  
Sem ao menos, do futuro ter lembrança.

Era pallida—o seu rôsto immaculado,  
Recostado sobre a mão por travesseiro,  
Lhe dava a expressão de quem medita  
Nos sonhos de um futuro feiticeiro.

Seus negros cabellos desprendidos,  
Cobrindo um lindo colo alabastrino,  
Deixavão se entrever uma cruzinha  
D'essas pedras de um brilho purpurino.

Os finos lençóes de branco linho  
Que o descuido do sonno arregacara,  
Descobriam um corpo de Corina  
Que só um cutro Ovidio bem pintara.

Em cima de uma mésa de porphyro  
Que o cinzel de um artista embellezara,  
Se gosava as teteias da princêza...  
Tão lindas que uma santa as desejara!

Da janella que se abria p'r'o jardim,  
Ao pé de uma florida laranjeira,  
O vento lhe atirava lindas flores  
Que vinhão estrellar-lhe a cabelleira.

E ella macilenta—adormecida,  
Vigiada pelo Christo e por Maria,  
Era casta como os labios d'essa virgem...  
Era santa como fora essa judia...

Por cima de seu leito suspendida,  
Uma lampada de alabastro se embalava,  
E ia pouco a pouco se movendo  
Aos bafejos de uma briza que soprava.

Já do dia os fulgôres matutinos  
Pelos vidros da janella penetravam,  
E os trinos dos canarios no jardim  
A madona indolente despertavam.

De subito, ella abriu os nêgros olhos  
Tão grandes como a alma de Jesus,  
Desliso-se da cama, em desalinho,  
E foi ajoelhar-se aos pés da cruz.

Foi á mèsa — beijou a sua virgem,  
A cruz que sobre o peito ella trázia,  
E enquanto tão divina assim rezava,  
Os cabellos para as costas sacudia.

Levantou-se... penetrou n'uma alcôvinha,  
Onde um mystico perfume se expandia,  
E temendo, talvèz que alguém lhe visse  
Cautelosa de suas roupas se despia...

Estava nua — que pomas feiticeiras,  
Que formas divinas... que tentação!  
Se Deus de lá do céo a contemplasse  
Talvèz que até lhe dêsse o coração...

Depois, precipitou-se graciosa  
N'um mar de magnolia e ambrosia,  
E enquanto ella o seu corpo perfumava,  
Com medo de trahir-me eu me fugia.

Em cima da mèsinha de porphyro,  
N'um album de marfim eu escrevi:  
« Princeza, não me negues a ventura... »  
« Que eu louco desejei quando te vi... »

PEDRO Ivo.

## A França

A' H. C. MIRANDA REGO

Tu és, ó França, tão grande,  
Como é grande a immensidade !  
Teu nome traduz idéas,  
Que são bellas épopeás,  
Nos fastos da humanidade :  
E's o volcão que vomita  
Sobre a terra, em turbilhões,  
Divinas concepções,  
De magestade infinita !

E's tão grande como os mundos,  
E teu scenário tambem ;  
A luz scintilla em teu cráneo,  
Que no seu luctar titaneo,  
As trevas devassa além...  
Produziste Mirabeau,  
O verbo da Divindade,  
Que a palavra — Liberdade,  
Por toda parte espalhou !

Em teu seio, mãe fecunda,  
Vastos genios, colossas,  
Firmaram o pedestal  
Do Progresso Universal,  
Sobre os despojos *reais* !  
E Voltaire, que a verdade,  
Na fronte excelsa traduz,  
E' o phanal qu'inda conduz  
A descida humanidade.

Q'importa q'audaz *germano*,  
Alma fria, resequida,  
Te curve o dorso titanico,  
Ante o vil furor, satannico,  
De seu punhal fratricida ?!  
E's tão grande como antes,  
E's ainda a França altiva  
Erguendo-se rediviva,  
Nos pensamentos gigantes !

Em <sup>tu</sup> céo <sup>inda</sup> scintilla  
A <sup>luz</sup> de um astro <sup>brilhante</sup> : — •  
E' Victor Hugo — o aborso,  
O gigante <sup>cuj</sup> dorso  
P'ra sustentar-te é bastante !  
Quem tivera — Oitenta e Nove —  
Quem creára Mirabeau,  
Voltaire, Danton, Rousseau,  
De seu posto <sup>não</sup> se move !

Eia avante — a senda é longa,  
Quero ver-te nos fastigios !  
De gloria sempre reflecta,  
Quero ver-te sempre athléta,  
Dispertar — *Barretos Phrygios* —  
Que na estacada, descrida,  
Espera-te a humanidade  
Que te pede — Liberdade —  
Ar vital que dá-lhe vida.

Ind'ha *Dirito Divino*,  
Ha *Parasitas da Cruz* !  
Vergonha, opprobrio, irrisão !  
E' mistér revolução,  
Ou catadupas de luz !  
De thronos sobre destrócos,  
Nas ruínas gigantéas,  
Assenta as grandes idéas,  
Nação de genios — colossos.

Não páres — arrasta a plebe  
Da tremenda prostracão !  
Aguia — Luz ! desfralda as azas,  
Corre, vâa, rompe as gazas  
Dos umbraes da perfeição !  
Avante, não tens rival,  
O mundo te segue apôs...  
O seculo conhece a voz  
De teu pulmão colossal !

## A ternura filial

(TRADUZIDO DO ALLEMÃO DO ABBADE SCHIMMID)

Eram Mario e Adelaide  
Dois anjinhos de candura,  
Duas pombinhas sem fel  
Dois emblemas da ternura.

Buscavam de ha muito já  
Com affinco e com destreza  
Ao velho e excellente pae  
Causar alegre surpreza.

Eis que um dia em que juntinhos  
Brincavam no seu jardim  
Ouviram que o ancião  
Sandoso fallava assim :

Ah ! se n'aquelle canteiro  
Tão bella  
Se ostentasse uma roseira,  
Ficaria o meu jardim  
Assim  
Tão garboso ! — tão faceiro !  
Como não tenho dinheiro  
Sem ella  
Ficará desta maneira  
O pobre do meu jardim ?!  
Ai ! sim...  
E' pena não ter dinheiro !

E as ternas crianças que tinham ouvido  
O simples pedido do velho ancião,  
Procuram, pesquisam, se acham ensejo  
Do pai o desejo cumprir sem senão.

Lá vem como sempre a roda dos annos  
Volvendo os arcanos do tempo passado ;  
E o velho acrescenta aos annos que tinha  
Mais um que não tinha tido esperado.

E os filhos contentes por terem achado  
O que procurado de ha muito já haviam.  
Lá vão ao mercado comprar a rozeira  
Mais bella e faceira das que se vendiam.

Que lindo arbustinho! Quão cheio de flores!  
Que gratos odôres do seio expandia!  
— E tudo dinheiro que tinham poupado!  
— O fructo sagrado da economia! —

Da noite ao grato silencio  
Ao jardim elles lá vão;  
Levam consigo a rozeira  
Com a maior precauão.  
Já na terra começavam  
Um buraco a escavar,  
Para nello o arbustosinho  
Com geito depositar:

Como alegre ficar vai,  
O' Mario, nosso bom pai!  
E então dirá assim:  
Quem no jardim,  
Tão garbosa e tão faceira,  
Me plantou esta rozeira?!

— Quem se daria ao cuidado  
De cumprir o meu desejo?  
Ah! já sei — oh meus anjinhos,  
Caladinhos  
Me quizestes surprezar;  
Pois bem, vos quero pagar  
Com este amoroso beijo —

Eis que de subito encontram  
Quando estão neste fallar,  
Um thesouro de ouro e prata,  
Que fez a ambos pasmar!

Um thesouro! elles exclamam,  
Depressa, mana, corramos,  
Ao papai vamos contar  
Do thesouro que achamos.

Q ~~velho~~ <sup>velho</sup> ~~pai~~ <sup>pai</sup> se approxima,  
Ouve-os o caso narrar,  
Todo alegre e commovido  
Assim começa a fallar:

Queridos ~~filhos~~ <sup>filhos</sup> ~~innocentes~~ <sup>innocentes</sup> ~~almas~~ <sup>almas</sup>  
Floridas palmas mereceis de Deus;  
Pois que tão cedo procuraíis saber  
Quaes possam ser os desejos meus.

Quanto vos amo! Quanto sou amado,  
Quanto extremado pelos filhos meus!  
Ah! este achado, tal riqueza imensa  
E' a recompensa dos cuidados seus.

Sim, meus filhinhos, lá dos altos céos  
A mão de Deus vossas mãos guiou —  
Por sua graça foi que um tal thesouro  
Com tanto ouro para nós se achou!

Sêde, pois, filhos queridos,  
Aos vossos pais e parentes

Obedientes —

Dai-lhes amor, devoção  
E sereis sempre attendidos  
Pelo Deus da Redempção.

HORACIO MOREIRA DE MAGALHÃES.

---

## Chronica

Não pertencendo nós à classe dos chronistas profissionaes ou, chulamente falando, à classe dos chronicos queiros que fornecem o sal hebdomadario ao roda pé da imprensa diaria, e só podendo dar novidades velhas por demais apreciadas, fica estabelecido que essa palestra só tem por fim dar innocentes piparotes aqui e ali, entrando na festa do respeitavel *Cendrillon* de nossos homens, tanto sizudos como não. E mesmo applicar puxayões de orelha à qualquer que se afastar das mais puxavões

*strictas regras do bem viver.* Fallamos serio, com muita especialidade áquelles que não se animarão á assignar esta Revista. Estes decididamente não tem desculpa. Quanto aos assignantes, rogamos-lhe que nunca talhem á si as carapuças. E' um acto da maior lealdade e justica á que somos obrigado. Os programmas de todos os partidos militantes são iguais. E' preciso contemporizar.

Quem cahe com os cobres é inviolável.

Foi finalmente enforcado Motta Coqueiro.

O Sr. Patrocinio revelou n'essa produçao entreter relações com a vernaculidade da lingua, essa dama casquilha e anachronica com quem ninguem já se importa. Mostrou ser moço de bastante talento, mas só isso ; por que para ser romancista inda tem que parafusar muito sua *sphera incetelloide*. (1)

Foi-se tambem Yaya Garcia, e tão desenxabida como no dia em que nasceu. Inda estamos por saber que these quiz o author desenvolver em seu livro, sendo fora de duvida que elle quiz alli desenvolver qualquer these. Tratamos de descobrir o fito do pensador em meio d'aquelle langoroso idyllio e chegamos á conclusão final de que a sua these era uma *thesis garcia logica*.

Um estylo ameno e facil sem trivialidade, alguns interessantes estudos psychologicos feitos ao correr da penna, uma on outra phosphorescencia de poesia domestica, são qualidades incontestaveis e valiosas ao livro do Sr. Machado de Assis. Mas pode convencer-se de que não são as sufficientes para tornar uma obra d'arte viavel na republica das letras. O cantor das *Americanas*—que acatamos e apreciamos, deve apimentar um pouco mais o bico de sua penna afim de que seus romances não morrão lymphaticos. A' proposito, um admirador da orthographia do Sr. Machado fazia a apologia d'essa com grande fogo :—« Accusão-lhe de escrever fallar com um ; quantas linguas temos nós, uma ou duas ? E a palavra *hynverno* ! que originalidade ! parece que está mesmo com frio ! Deve-se escrever as palavras com a orthographia mais onomatopéica que for possível ! »

Este gramamntico está talhado para redigir os artigos

(1) Trovoada n. 11.

de fundo da *Patria*; fundindo-se-o com o Sr. Carlos Bernardino (ou Bernardo) de Moura, teríamos em resultado a celebriedade mais ousada e mais analphabetic a que porventura existisse no importante batalhão dos que não sabem precisamente onde tem o nariz.

A febre amarella... ora adeus, a febre amarella tem feito derramar tantas lagrimas, que não se deve levar á mal a risota de um piparote. Um amigo nosso, inimigo irreconciliavel dos Portuguezes, mas de todos sem excepção, fica radiante quando o obituário registra grande numero de enterramentos dos individuos d'essa nacionalidade. E diz ás vezes, rôxo de colera: — « Quando tiver um filho leval-o-hei ao altar, tal qual fez o pai de Annibal, e obrigar-o-hei á jurar sobre a seguinte formula — Odio eterno aos condecorados de *bôa* ! Guerra sem tregos a os trintas botões de todas as gerarchias ! » E' authentico.

Fazemos um comprimento rasgado ao grande orgão do compadre Leonardo pela magnifica aquisição que fez no talento de G. Junqueiro. Aquillo é que se chama litteratura de *faca e queijo*. O seu folhetim intitulado — o *Inverno* — é sem duvida alguma um descarado primor.

Aproveitamos o ensejo para pedir á mestre Leonardo que passe a vassoura em meia duzia de folhetinistas anonymous e horrorosamente insípidos que lhe sujão as paginas menores. Se sumirem-se esses cujos, e se além disso os proprietarios do jornal resolvarem-se i não mais respeitar as barbas litterarias do Sr. Castro Cavaquinho Pêga, teremos com isso a primeira folha da America do Sul.

O Sr. Serra da *Reforma*, celebre pela barriga, celebre pelo espirito faceto e *calembourcico*, celebre por nunca ter feito a barba, etc., etc., etc., chefe real e ostensivo da compadria Castellões, tem feito grande barulho de pés e goela afim de apresentar um novo livro do Sr. Taunay ao publico.

Nós porém estamos escaldados com o Sr. Serra e com certeza não dariamos qualquer tostão de mel coado pelo seu senso critico. Gostamos infinitamente das bolhas de sabão à Tralagadabas, mas ha-de-se permitir que consideremos o seu senso critico um mero insenço sem critica de qualidade

alguma. E se pergunta onde está o nosso *senso*, ahi vai. Falta ao Sr. Taunay, sem duvida um dos mais *distintos* e *laboriosos* lidadores, o *segredo* da arte de escrever. Possuirá tudo, menos esse *segredo*, que alias tudo é. Falta-lhe essa transparencia de *estylo*, essa limpida e iriada torrente de palavras pelas quaes navega o pensamento, levado pelas brisas fagueiras de exquita sensibilidade. Sua *invenção* e originalidade estão como que sob pressão dos *textos*, e seu *estylo* ressentindo-se desse esforço, torna-se pezado o alheio á esse fluido nervoso que sómente torna duravel uma obra litteraria.

Do fundo de nossa incapacidade arriscamos esse juizo, e com tal susto, que temos vontade de eliminarmo-nos pelo alcápão de nosso nihilismo absoluto. Sem modestia. Somos qual cão malcriado que avançou ladrado e que voltou murcho em plangente ganido. Ou como um phosphoro expulso da igreja.

Annuncia-se proximo apparecimento de um drama do Dr. Lucio de Mendonça, extraido do M. de Camors, de Feuillet. Duvido. Ver par crer. A perola litteraria do delicadissimo author da *Dalila*—perde a metade de seu brilho na execução-scenica. Os exploradores franceses (que não dormem) nunca conseguirão arranjar-lhe um *scenario*. O theatro não pôde dar em sua ideal nitidez aquelles quadros de incomparavel plastica e de mago perfume, que se desenhão á leitura do romance. Como por exemplo—« o encontro de Camors com Carlota chosra e envolvida em gases defrente do espelho, a proposta terrivel d'ella quando o enlejava amorosamente entre as tranças, e a scena sublime da maldição consumada e fatal, quando elle ralado de angustias espreita a familia. Essas scenas são quasi irrealisaveis no theatro. Mas enfim tudo esperamos do Sr. Furtado Carnioli Coelho Odiot, futuro conde de Camors, actualmente n'um roda viva em roda do mundo.

Esqueci-me de fallar dos folhetins da Sra. D. Maria Amalia no *Jornal*.

Tiramos-lhe o chapéu, mimoseamos-lhe com um sorriso de plena satisfação e lhe pedimos que continue a brindar-nos com aquelles *bouquets* de innefavel frescura, que, sem malicia o dizemos, não possuimos em casa.

*E os folhetinistas (folhetinistas, sim, pois não são ?) do  
Cruzeiro ?...*

*Oh ! estes ficão na gaveta até o proximo numero.*

*Muito obrigado á todas as redacções que gastarão com  
nosco a chapa n. 5. Especialmente á Republica cuja bondade  
confunde-nos. O Sr. J. Serra, senão amou-se com  
nosco, receba de lá uma beijoça pelo acolhimento sympathico  
que fez à Revista. Ha de sahir deputado.*

*U. D.*

# ASSIGNATURA

Anno .....	6\$000
Semestre .....	3\$000
Numero avulso .....	\$500

*Pagamento adiantado.*

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na  
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113